

A SINGULAR NAÇÃO ARGENTINA

Há quatro tipos de países: os desenvolvidos, os subdesenvolvidos, o Japão e a Argentina.

Simon Kuznets

Alaor Chaves

O aforismo de Kuznets

O memorável aforismo de **Kuznets** (1901-1985), prêmio Nobel de Economia em 1971, é citado com alguma frequência sem dados que esclareçam o que ele queria dizer. Mas há especulada concordância sobre a intenção do autor: desde o terço final do século XIX, os dois países que ele distinguiu de todos os outros tiveram histórias deveras singulares. O **Japão** saiu do sistema feudal em 1868, modernizou-se rapidamente e, apesar de sua experiência calamitosa na Segunda Guerra Mundial, prosperou de maneira única desde então, e transformou-se em uma das nações mais inovadoras do mundo – cabendo lembrar que sua prosperidade econômica teve forte redução desde os anos 1990, quando Kuznets já estava morto. Já a **Argentina**, que desde 1870 vinha prosperando de maneira incomparável, a partir da depressão de 1929, entrou em uma fase de instabilidade política e de decadência que ainda hoje não teve fim.

Formação da nação argentina

O que é hoje a nação argentina tem características geográficas e climáticas muito singulares, do que resultou uma história também singular. No seu centro oriental, encontra-se a larga foz do Rio da Prata, coletor da água de uma grande bacia que cobre parte do Brasil e todo o Paraguai. Esse ponto é rodeado, em terra, pelos **pampas**, infundável planície de terras muito férteis, clima subtropical e chuvas bem distribuídas ao longo do ano. Mas sua colonização foi muito tardia. Aos colonizadores espanhóis, interessavam mais as ilhas do Caribe, a América Central e o México.

Juan Diaz de Solis descobriu o Rio da Prata em 1516. Foi morto por índios no Uruguai e parte dos seus comandados fugiu com as caravelas. Houve um naufrágio e vários deles alcançaram a ilha de Santa Catarina, atual Florianópolis. Diziam que quem subisse o rio de peito largo chegaria à Serra da Prata, o que rendeu esse belo nome ao rio e resultou em expedições de

aventureiros em busca do tesouro. Nada acharam, mas nas barrancas do rio criaram alguns fortes, dois deles sementes das cidades de Rosário e Santa Fé.

Na América do Sul, despertou a cobiça dos espanhóis o riquíssimo **império Inca**, com sede no Peru. O conquistador **Francisco Pizarro** prendeu o imperador Inca **Atahualpa** em 1533. Exigiu dos seus súditos muito ouro para que liberasse o monarca, mas o matou no mesmo ano, após receber toneladas do precioso metal. O império Inca desmoronou rapidamente e em 1542 os espanhóis fundaram o **Vice-Reino do Peru**, com sede em Lima, cuja jurisdição estendia-se para o sul até abaixo da foz do Prata. O Vice-Reino foi dividido em grandes capitânicas. Uma delas cobria a região do **Cuyo**, nome de um bioma na margem oriental dos Andes, que inclui a atual província de Mendoza. Em 1536, o governador do Cuyo, Pedro de Mendoza fundou o arraial de *Santa Maria del Bueno Ayre*, no local onde bem mais tarde floresceu a cidade de **Buenos Aires**. Em 1541, o arraial tornou-se desabitado.

As primeiras cidades da Argentina foram todas criadas nas regiões mais ao norte do país. A primeira delas foi *Santiago Del Estero*, fundada em 1553, e hoje apelidada *Madre de Ciudades*. Pouco depois vieram Mendoza (1561) e São Miguel de Tucumã (1565). Córdoba foi fundada em 1573, a apenas 713 quilômetros ao noroeste de Buenos Aires. Hoje é a segunda maior cidade da Argentina e seu principal polo industrial. Nela, em 1613, os jesuítas fundaram a Universidade de Córdoba, a mais antiga do país.

Colonizadores voluntários foram aos poucos chegando a Buenos Aires, cuja posição privilegiada a tornava porto de todo o comércio Argentino através do Atlântico. O comércio prosperou, grande parte dele por contrabando. Navios ancoravam no porto para reparos e pagavam os serviços em produtos. Estâncias surgiram nos pampas vizinhos; prosperou a criação de gado e de ovelhas, e também a plantação de trigo. Daí, difundiram pelo interior. Gado fugitivo das estâncias povoou amplas regiões e servia de alimento para o **gaucho** argentino (tônica no a), gente seminômade dada à guitarra, à milonga à valentia e ao punhal, que sempre trazia preso à cintura. Assava a carne fresca do gado selvagem sobre um braseiro, sem uso do sal, o que deu origem ao famoso *asado* argentino.

Buenos Aires prosperava. Em 1776, os espanhóis criaram o **Vice-Reino do Rio da Prata**, que abrangia aproximadamente os territórios da Argentina, do Paraguai, do Uruguai e da Bolívia, do qual Buenos Aires tornou-se a capital. Isso ocorreu no ano da independência norte-americana, que inspirou movimentos de independência em todas as colônias das Américas. Em 1808, **Napoleão** invadiu a Península Ibérica, o que deu nova força a esses movimentos de libertação. O rei da Espanha Ferdinando VII foi obrigado a renunciar, e Napoleão colocou em seu lugar seu irmão José Bonaparte. Houve resistência na Espanha, mas no início de 1810 Napoleão dominava boa parte do país.

Isso deu início ao movimento de libertação da Argentina, cujo primeiro passo foi a **Revolução de Maio**, ocorrida entre 18 e 25 daquele mês em

Buenos Aires. Começou com a remoção do vice-rei Baltasar Hidalgo Cisneiros, cuja legitimidade foi questionada até porque o rei espanhol que o nomeara tinha sido deposto. Em seu lugar, os portenhos criaram um governo local, a **Primeira Junta**. A independência só foi concretizada e declarada em 1816, no **Congresso de Tucumã**. O novo país foi dividido em 12 províncias, as **Províncias Unidas do Rio da Prata**. O Paraguai proclamou, sem luta, sua independência, e a Bolívia continuou sendo colônia da Espanha até 1825, quando também se tornou independente. A Patagônia e a hoje província do Pampa, a sudoeste de Buenos Aires, não compunham a união de províncias. O Uruguai era uma das províncias unidas, denominada Província do Oriente. Cada província tinha seu governador, mas não havia um governo central. De 1831 a 1861, as províncias compuseram a **Confederação Argentina**, que também não tinha um governo central formal.

Meio século de caudilhismo

Havia tempo, Buenos Aires vinha se desenvolvendo de maneira muito distinta do interior argentino. Enquanto ali prosperava uma burguesia comercial, liberal e culta, o interior, que incluía quase toda a província de Buenos Aires, era controlado por um grande número de caudilhos pouco instruídos e conservadores, que lutavam entre si, e todos lutavam contra os ‘estrangeirismos’ e a prepotência da cidade de Buenos Aires. Os caudilhos tinham suas milícias, formadas por *gauchos* contratados como peões nas enormes estâncias ou recrutados à força para as suas guerras. A política do país foi dominada por dois partidos. O **Partido Unitário** defendia um poder central forte outorgado à província de Buenos Aires, e pouca autonomia para as outras províncias, enquanto o **Partido Federal** defendia um status igual para todas elas. Na verdade, havia também um contraste ideológico e cultural entre os portenhos e o restante da província de Buenos, a maior e mais populosa da Argentina, da qual a cidade Buenos Aires era então a capital – em 1880, a cidade tornou-se um distrito federal e La Plata tornou-se capital da província.

Por ironia, o paradigma do caudilhismo foi **Juan Manuel de Rosas**, governador de Buenos Aires que, de 1830 a 1854 foi o presidente de fato argentino. Rico estancieiro, dominou o país com poder ditatorial e tirânico, contra o qual ninguém ousava opor-se. Em 1854, Justo José de Urquiza, governador da província de Entre Rios, derrotou Rosas, com a ajuda do **Império do Brasil**. Rosas fugiu para a Inglaterra, afirmando que “não fora deposto pelo povo, mas sim pelos macacos, os brasileiros”.

República Argentina

Em 1861, a Argentina organizou-se como república constitucional. Seus primeiros presidentes, **Bartolomé Mitre** (1861-1868) e **Domingos Faustino Sarmiento** (1868-1874), foram iluministas que se distinguiram muito dos políticos argentinos passados. Mitre escreveu vários livros, e traduziu a Eneida de Virgílio e a Divina comédia para o Espanhol. Sarmiento escreveu dezesseis livros. O mais influente deles foi **Facundo: Civilização e Barbárie**, uma crítica da cultura gaúcha, do caudilhismo e de Rosas. Durante esses governos, a Argentina modernizou sua agricultura, construiu muitas ferrovias e linhas telegráficas, e começou a receber imigrantes europeus de várias origens. Sarmiento, que havia visitado os EUA e a Europa para conhecer seus sistemas educacionais, deu grande ênfase à educação em seu governo. Duplicou o número de escolas públicas e criou mais de cem bibliotecas.

De 1861 a 1930, cada presidente argentino foi sucedido por outro eleito. A prosperidade veio com a ordem democrática e institucional, além de bom sistema educacional, infraestrutura, e políticas liberais e comerciais inspiradas em Adam Smith. O país abriu-se para o comércio internacional e tornou-se grande exportador e importador. Mitre perdeu popularidade por ingressar na **Tríplice Aliança**, que incluía o Brasil – rival da Argentina com antigo interesse em dominar parte da região platina, principalmente o Uruguai – na guerra contra o Paraguai.

O impacto da Guerra da Tríplice Aliança sobre a economia argentina foi relativamente pequeno. O dinheiro que o país ganhou fornecendo grãos e carne para as tropas brasileiras cobriu parte dos gastos que ele teve com a guerra – a bem da verdade, quem derrotou o Paraguai e matou covardemente três quartos de sua população masculina foi o Brasil. Após o final da guerra, em abril de 1870, o Brasil teve uma década de recessão econômica, ao passo que a Argentina retomou prontamente sua prosperidade.

A tragédia Argentina

Em 17/02/2014 a revista inglesa *The Economist* publicou o longo artigo ***The tragedy of Argentina: a century of decline***. Um século atrás, diz o artigo, a Argentina era o futuro. De 1871 a 1914, o país cresceu em média 6% ao ano, um recorde mundial, e era um ímã para imigrantes europeus. Em 1914, metade dos habitantes de Buenos Aires tinha natalidade estrangeira, e o PIB per capita do país superava os da Itália, da França e da Alemanha; era mais de quatro vezes o do Brasil. O que trouxe a Argentina a tão longo declínio, cujo fim ainda não parece próximo? As razões são tão numerosas que os estudiosos fracassam em construir uma teoria que as englobe de forma simples. Isolamento econômico, controle político do câmbio, falta de inovação, estatismo e uso político das estatais, subsídios excessivos e de eficácia questionável, populismo, polarização política excessiva, desprezo à democracia e à responsabilidade fiscal entram na lista dos erros recorrentes. Houve golpes de estado no país em 1930, 1942, 1955, 1962, 1966 e 1976. Em 1989, pela

primeira vez em sessenta anos, um governo civil foi sucedido por outro governo eleito. Os governos não respeitam contratos nem reconhecem o dever de honrar suas dívidas. Os argentinos não emprestam dinheiro ao governo porque duvidam do seu compromisso de devolvê-lo. Usam suas economias para comprar dólares, que guardam no exterior, em cofres bancários ou em suas casas, por isso a dívida pública argentina é quase toda externa – os governos a questionam com recorrentes bravatas e calotes.

Como dizem ironicamente alguns brasileiros, só um país com a sofisticação argentina é capaz de criar tamanha confusão. Ignoram que nosso país tem se esforçado com dedicação para repetir os erros argentinos, e ainda outros, razão pela qual nosso PIB per capita ainda é inferior ao argentino.